

“O abominável homem dos trópicos” Oswald de Andrade nas releituras de Haroldo de Campos

“The abominable man of the tropics”. Oswald de
Andrade in the rereadings of Haroldo de Campos

Maria A. Fontes
UNIPD, Itália

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2023.e97791>

Resumo

Ao afirmar que a obra de Oswald de Andrade, em particular o “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” e o “Manifesto Antropófago”, constitui uma visão crítica da história como função negativa, capaz tanto de apropriação quanto de expropriação, Haroldo de Campos estabelece uma continuidade fundamental entre o gesto oswaldiano de reler o passado de um modo disruptivo ou sincrônico e o seu trabalho crítico-ensaístico de propor novos passados-presentes. Nessa esteira, partindo da leitura dos ensaios de Campos, este artigo, de um lado, investiga em que medida as releituras, ou “retrospecto contextual”, realizadas por Campos sobre a obra de Oswald de Andrade e o Modernismo brasileiro contribuem para revisar e rediscutir a cultura literária brasileira, ao propor uma outra tradição crítica e historiográfica e redimensionar as noções de literatura e de consciência nacional; e, de outro, interroga como a devoração desabusada do “abominável homem dos trópicos” contra as imposturas do civilizado concorreu para alargar o pensamento crítico do poeta concretista.

Palavras-chave: Haroldo de Campos; Oswald de Andrade; Modernismo; Releituras; Antropofagia.

Abstract

By stating that Oswald de Andrade’s work, in particular the “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” and the “Manifesto Antropófago”, constitutes a critical view of history as a negative function, capable of both appropriation and expropriation, Haroldo de Campos establishes a fundamental continuity between the Oswaldian gesture of rereading the past in a disruptive or synchronic way and his critical-essay work of proposing new past-presents. In this wake and from the reading of Campos’ essays, this article, on the one hand, investigates to what extent the rereadings or “contextual retrospective” carried out by Campos on Oswald de Andrade’s work and Brazilian Modernism contribute to reviewing and re-discussing Brazilian literature culture, by proposing another critical and historiographical tradition and re-dimensioning literature and national consciousness notions, while, on the other hand, it questions how the unabused devouring of the “abominable man of the tropics” against the impostures of the civilized contributed to broaden the critical thinking of this concretist poet.

Keywords: Haroldo de Campos; Oswald de Andrade; Modernism; Rereadings; Anthropophagy.

1. “Retrospecto contextual”

*meninos eu vi
vi oswald de andrade
o pai antropófago em 49
reclinado numa cadeira de balanço
lendo o trópico de câncer de henry miller
(la rosa dos alkmin maria antonieta o mimava
enquanto ele ia esmagando com o martelo de Nietzsche contumazes
cabeças de diamante)*
Haroldo de Campos

A releitura que proponho acerca da obra de Oswald de Andrade é, por assim dizer, oblíqua, porque resulta dos estudos¹, em chave comparativa, dos ensaios de Haroldo de Campos sobre o poeta antropófago e o Modernismo brasileiro, os quais, a meu ver, compõem um quadro de notas ‘quase’ marginais sobre a historiografia literária brasileira e sobre a importância da evolução da crítica acerca de Oswald de Andrade no Brasil. Tema que Campos vai retomar brilhantemente num dos seus últimos artigos sobre o autor de *Pau-Brasil*, i.e., “A evolução da crítica oswaldiana”, publicado em *Literatura e Sociedade* (2004), referindo-se, ironicamente, ao poeta modernista como “o abominável homem dos trópicos ou o canibal e a marmelada”. O epíteto, que também intitula este artigo, tenta traduzir o “retrospecto contextual” do jogo de posições críticas conflituosas endereçadas a Oswald de Andrade, tratado mais como um *Clown*, um “palhaço da burguesia”, do que como

1 Agradeço ao Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari, da Università di Padova, que, em 2019, 2021 e 2023, financiou as minhas pesquisas ao acervo do Centro de Referência Haroldo de Campos, Casa das Rosas, em São Paulo.

um intelectual afinado com o seu tempo, de resto excluído da plataforma das novas gerações de poetas de 45, devido não só a suas propostas estéticas, consideradas pela crítica “experimentalismo hedonístico”, mas, em particular, ao seu comportamento que, nas palavras de Milliet – o “Bacharel de Cananeia” –, era agressivo e “antropófago”, o que o teria levado a “devorar” muitas amizades e a criar inúmeros inimigos.

No texto, ao defender a atitude de Oswald em relação à Semana de Arte Moderna de 1922 contra o “arrefecimento de ânimo frente ao primeiro modernismo manifestado por vários intelectuais”², sobretudo, pela Geração de 45 e pelo grupo da revista *Clima*, Campos traz à superfície importantes depoimentos sobre a recepção da obra oswaldiana e revela, por sua vez, o estigma de pertencer, conforme o depoimento do jovem Antonio Candido, a uma geração de “*enfants-terribles*”³ que não tinha consciência do que estava fazendo. Ideia endossada, de certa forma, por Mario de Andrade na conferência de 1942, ao declarar em tom de autocrítica que o Movimento Modernista foi essencialmente destruidor, fato que serviu de estímulo à Geração de 45, cuja insatisfação diante das soluções propostas em 22 trazia para a cena literária a urgência de retorno à disciplina. Todavia, “o antropófago de nossas letras”, que Campos conheceu em 1949⁴, solitário e desprezado, era muito mais do que um veterano inconsequente, era, nas

2 CAMPOS, Haroldo de. “A evolução da crítica oswaldiana”. *Literatura e Sociedade*. v. 9, n. 7, 2004, p. 46-55: 46.

3 *Ibidem*, p. 46-55: 49. Antonio Candido, manifestando reserva acerca de Oswald de Andrade, escreve, em depoimento recolhido em “Plataforma da nova geração”, Porto Alegre, Livraria do Globo, 1945, que a geração de Vinte foi mais um estouro de “*enfants-terribles*”.

4 Foi através do amigo em comum, Mário da Silva Brito, que os poetas do Concretismo entraram em contato com Oswald de Andrade, que naquele momento estava quase esquecido. A data exata – e até simbólica – da ligação dos jovens poetas com o modernista veterano foi o ano de 1949, quando, ao visitarem o poeta antropófago, os irmãos Campos saíram presenteados com um exemplar de Serafim Ponte Grande, no qual se lê a famosa dedicatória: “Aos irmãos Campos (Haroldo e Augusto) – firma de poesia”. Veja-se CAMPOS, Haroldo de. “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira”. *In: Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. 2ª. reimpr. da 4ª. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 231-255: 235.

palavras do autor de *Galáxias*, um “revolucionário permanente”⁵ à espera do resgate das futuras gerações que reconheceriam o caráter construtivo e as “altas cogitações estética da Semana de 22”⁶, aspiração (e pressuposto) que, “apesar de todas as desilusões de circunstância”, haveria de ser retomada, e foi.

Aspirações e pressupostos foram retomados por Haroldo de Campos, não apenas como um dos eixos do projeto da Poesia Concreta, mas como percurso estético que lhe serviu de base às suas reflexões críticas acerca das neovanguardas, evidenciando o caminho percorrido por Oswald de Andrade que, desde o primeiro contato com a realidade política e cultural brasileira, nos anos 1920, “dividiu e orientou como que a preparar a medula nutriente, a merenda amniótica para o festim antropofágico da utópica sociedade desalienada e comunal do futuro”⁷. Nessa esteira, este estudo propõe investigar em que medida o “retrospecto contextual”, realizado por Campos sobre a obra de Oswald de Andrade e o Modernismo brasileiro, contribui para rediscutir a cultura literária brasileira, e como a devoração desabusada do “abominável homem dos trópicos” contra as imposturas do civilizado e seus “biscoitos finos” concorreram para alargar o pensamento crítico do poeta concretista.

5 CAMPOS, Haroldo de. “A evolução da crítica oswaldiana”. *Literatura e Sociedade*, 2004, p. 46-55: 50. A expressão foi usada por Pagu na ocasião de seu depoimento em defesa da Semana de 22 contra os ataques de Domingos de Carvalho da Silva, durante o Congresso de Poesia, de 1948, em São Paulo. O texto transcrito no *Diário de São Paulo*, de 9 de maio de 1948, traz a seguinte afirmação: “[...] os homens de 22 não completaram o seu movimento. Houve uma grossa traição. Diante da antropofagia, ramificação de 1928, Mario de Andrade confessava que só se mantinha na primeira fase da Revista, para manter o ‘aplomb’. Deu-se então o estouro da boiada. A revolução de 22 acabou, embora até hoje o sr. Oswald de Andrade permaneça de facho em riste, bancando o Trotsky, em solilóquio com a revolução permanente”.

6 *Ibidem*, 2004, p. 46-55: 53,

7 CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*, 2006, p. 252.

2. “A massa ainda comerá o biscoito fino que fabrico”

O mais antigo estudo de Haroldo de Campos dedicado exclusivamente a Oswald de Andrade data de 1 de setembro de 1957 e, intitulado “oswald de andrade”⁸, foi publicado no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*. No texto, o crítico paulista, referindo-se aos romances-invenções *Memórias sentimentais de João Miramar* (1923) e *Serafim Ponte Grande* (1929)⁹, lamenta que a obra revolucionária oswaldiana, arrebanhada ao acaso dos sebos, não tivesse sido, até aquele momento, suficientemente avaliada e tampouco ocupava o lugar de destaque que lhe cabia. Para Campos, Oswald de Andrade não era um “problema literário”, ao contrário, equivocaram-se os que, amarrando a “carranca da sisudez esterilizante” e da “caturrice empolainada”, tentaram descartar do baralho a obra do polúmetis, homem de mil ações, de mil engenhos, sob o pretexto de ser coisa “menos séria”¹⁰, comparando-o, já naquela época, a *Ulisses*, de James Joyce. O ensaio, embora mais analítico do que os textos que abordam a teoria da poesia concreta, tenta reivindicar, no plano crítico, um referencial estético e teórico para o

8 *Idem.* “oswald de andrade”. Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. 1 set. 1957. Mantenho em minúsculo o título do artigo como se apresenta no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=%22haroldo%20de%20campos%22&pagfis=78146. Acesso em: 10 outubro 2022. O artigo também foi republicado em 1992 em *A Semana de Arte Moderna: desdobramentos* (1922-1992), organizado por Vera L. Bastazin, São Paulo: Educ, e em CAMPOS, Haroldo. *Revisão de Oswald de Andrade: textos dispersos*. Organização de Thiago de Melo Barbosa, trad. de Fábio Roberto Lucas e Daniel Glaydson Ribeiro. São Paulo: Editora Madamu de Casa das Rosas Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, 2023, p. 41-49, com o título “Oswald, polúmetis”.

9 ANDRADE, Oswald de. *Obras completas, Memória sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande*, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

10 CAMPOS, Haroldo de. “Oswald de Andrade”. Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. 1 set. 1957. No ensaio “Kurt Schwitters ou o júbilo do objeto” (1956), Campos já tinha chamado a atenção para o que ele denominou de “cavilosa ‘conspiração do silêncio’” que consistia no esquecimento de escritores importantes, e um dos casos mais alarmantes era o de Oswald de Andrade, segundo ele: “de longa data processado de olvido sob a pecha (!) de *Clownismo* futuristas, por certas camadas de nossa mais ‘virtuosa’ intelligentsia”. Veja-se CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 1969, p. 51.

movimento concretista. Campos, inclusive, alerta os futuros escritores que almejam à condição de escritor da necessidade de se nutrirem dos ensinamentos de Oswald e de sua obra, cujo personagem principal é a linguagem, enervada de dissonâncias de imagens, mas mediadora de imaginários.

O conselho, aparentemente despretensioso, enfatiza o quão a escrita oswaldiana representa para a evolução formal e experimental da poesia brasileira. Em outras palavras, Campos vê em Oswald a “ponta de lança” para a revolução verbivocovisual e põe em prática o que, então, apregoava e passa a (per)seguir os traçados do mestre, incluindo-o no *Paideuma* concreto. No artigo, o autor de *Galáxias* já apresenta muitos dos conceitos e ideias que vai desenvolver, como crítico e poeta, ao longo de sua carreira, rompendo com o “entulho da mornice vigente”, mas não com o legado oswaldiano, entendido enquanto “tradição viva”, de simplificação formal, de redução antidiscursiva, de eliminação da linearidade temporal, elementos, de resto, constitutivos dos paradigmas concretistas. A obra de Oswald, nas perspectivas de Campos, retorna com aquele sentido agudo de inauguração e “como hipótese de trabalho a longo prazo”¹¹. Um trabalho que, para a atual crítica, teria colaborado para a canonização da produção poética oswaldiana atribuindo-lhe, em maior ou menor grau, o “dom de conter um projeto estético e ideológico de um *novo nacionalismo* [...] ao mesmo tempo antenado no tempo e no mundo e fincando no solo mais remoto das raízes pátrias”¹². Conforme Hardman, apresentar a poética oswaldiana ancorada num ‘lirismo objetivo’, irmão de mecanismos modernos”¹³ seria uma “redução estética” e uma “operação ideológica”, cujos efeitos nocivos seriam a exclusão de um multifacetado universo sociocultural, político e regional que não se enquadravam no cânone de 1922, e nem nos “processos intrínsecos

11 *Ibidem.*

12 HARDMAN, Francisco Foot. A ideologia paulista e os eternos modernistas. São Paulo: Editora Unesp, 2022 p. 22.

13 *Ibidem*, p. 23.

aos avatares da modernidade”, abandonando, assim, outras dimensões políticas, socioculturais importantes à percepção das temporalidades que alteravam o significados das oposições entre antigo e moderno, como se fosse possível promover as obras modernistas (e oswaldiana) sem a mediação da linguagem e de um discurso legitimador. Sem entrar no cerne dessa polêmica, fato é que, embora Oswald de Andrade tenha sido reeditado e reconsiderado, continua a haver resistência por parte da crítica a esta revisão oswaldiana¹⁴. A esse propósito, Luiz Costa Lima, discorrendo acerca do trabalho da crítica no artigo “Haroldo, o multiplicador” (2005), interroga: “como o crítico pode legitimamente mediar se o seu objeto não cabe sob leis?”¹⁵ A crítica mediadora se baseia em exemplos prévios, mas contingentes e passíveis de ser reconfigurados, por isso o que resta é a crítica de invenção e interpretação, ou o gesto da teorização, aquela praticada por Haroldo de Campos e que “consiste em se interrogar além do que está assegurado pela prática herdada ou admissível”¹⁶. O problema relativo ao cânone e às escolhas de autores pela crítica se apresenta, conforme Costa Lima, a partir de duas alternativas: ou o escritor é “acolhido no mundo dos ‘clássicos’” ou ele se “dissolve no esquecimento”¹⁷. Haroldo de Campos escolheu a primeira alternativa, e estava tão convencido da importância de Oswald de Andrade

14 Nas palavras de H. Campos, “as novas gerações têm a ideia de que Oswald de Andrade sempre foi um nome consagrado nas letras brasileiras. A recepção de Oswald pelas novas gerações foi tão intensa que ele acabou de certa maneira sendo mitificado, não estou falando no sentido pejorativo, mitificado por adesão afetuosa e isto faz pensar que o Oswald teria sido desde sempre um autor reconhecido, de influência, um autor de presença ativa do ponto de vista crítico e estético no horizonte literário brasileiro. Mas isso não aconteceu. O perfil de Oswald de Andrade foi construção do futuro, construção sobretudo das novas gerações nas quais desde logo se inscreveu a minha, daqueles poetas que começaram publicando seus primeiros livros em 1950 e, em 1956, lançaram no Brasil o movimento de poesia concreta dois anos depois da morte de Oswald”. Veja-se: CAMPOS, Haroldo. “Palestra de Haroldo de Campos sobre Oswald de Andrade e sua recepção” (Gravação e transcrição de Jardel Dias Cavalcanti, revisão Ronald Polito). Revista Circuladô, ed. 11, dez. 2020, p.127-139: 129.

15 LIMA, Luiz Costa. “Haroldo, o multiplicador”. In: Céu acima: para um ‘tombeau’ de Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2005, p. 119-130: 122.

16 *Ibidem*.

17 *Ibidem*, 119-130: 128.

para rediscussão da cultura literária brasileira que, sintonizado e irmanado na reabilitação do poeta modernista, assinou, em 1960, o artigo “Oswald: somos concretistas”, texto que, afinal, ele não escreveu.

Considerado um dos textos mais polêmicos sobre Oswald de Andrade, o artigo foi publicado no *Correio Paulistano*, página Invenção, Domingo, 14 de fevereiro de 1960. Após 62 anos de sua publicação, descobriu-se, em fevereiro de 2022, que o texto, firmado por Haroldo de Campos, foi escrito pelo seu irmão Augusto de Campos que, em conversa com o poeta André Vallias, confessa o arranjo. Júlio Mendonça, Coordenador do Centro de Referência Haroldo de Campos, ao saber da notícia através do texto “O renascimento de Oswald”, de Vallias, publicado na página do Facebook, escreve a Augusto de Campos perguntando-lhe sobre a veracidade da informação e solicitando alguns esclarecimentos, uma vez que o artigo em questão estava para ser republicado na coletânea *Revisão de Oswald de Andrade: textos dispersos* (2023). Augusto de Campos, ao responder a Júlio Mendonça, com o e-mail de 21 de fevereiro de 2022, confirma a autoria do texto e explica o motivo da substituição dos nomes:

Caro JULIO,
a informação do André é correta. Fui eu mesmo q passei a ele. O texto é de minha lavra, e foi precisamente pq eu tinha outra colaboração na mesma página INVENÇÃO do Correio Paulistano, que não pude assinar. Mando cópia do recorte corrigido por mim a mão. Ninguém tinha notado antes o “somos concretistas”... Ante a urgência de publicar o “achado”, Haroldo me propôs que assinassem por mim. Saiu no dia do meu aniversário...
ABRAugusto¹⁸.

Após esse episódio de 1960, Campos insiste no projeto de recuperação do pai antropófago e publica uma série de artigos: “A poesia concreta e a

18 CAMPOS, Augusto. “Troca de mensagens com Augusto de Campos a respeito da autoria de ‘Oswald: somos concretistas’” [e-mail de Augusto de Campos a Júlio Mendonça]. *In*: CAMPOS, Haroldo. *Revisão de Oswald de Andrade: textos dispersos*, 2023, p. 199-203.

realidade nacional” (1962), “Lirismo e participação” (1963), “Miramar na mira”¹⁹ (1964), “Miramar Revém (I, II) (1965), em seguida, um estudo dedicado ao teatro e outro à prosa oswaldiana, respectivamente: “Uma leitura do teatro de Oswald” (1967) e “Serafim: um grande não-livro” (1968-1971); e, nesse mesmo período, organiza, para a coleção “Os nossos Clássicos”, da Agir, a antologia, *Oswald de Andrade: trechos escolhidos* (1967). Escreveu também outros ensaios críticos introdutórios às obras de Oswald, inseridos nos volumes 2 e 7 das *Obras Completas de Oswald de Andrade* (1971 e 1972); e, em 1979, publica na *Revista Europe*, “Le modernisme brésilien” (n. 599), o artigo “Oswald de Andrade”. Nos anos 1980 e 1990 retoma alguns de seus estudos sobre o autor do “Manifesto Antropófago” e publica “Prólogo”, em *Oswald de Andrade: Obras escolhidas* (1981), “Oswald de Andrade e a sua recepção”²⁰, palestra transcrita e publicada na *Revista Circuladô* (2020), e “Oswald de Andrade: do ocultamento à explosão”, em *A Semana de Arte Moderna: Desdobramentos 1922-1992*²¹ (1992).

Em seu projeto de releituras, Campos indaga, nos primeiros ensaios, sobre o processo literário como invenção e evolução das formas e recriação da linguagem; em seguida, quando a situação política brasileira passa a exigir novas formas de enfrentamento, o autor torna a valorizar o significado social dos textos oswaldianos, empreendendo, “antes por desvios do que por um traçado reto”, uma leitura polifônica da tradição, mas de uma tradição

19 Publicado originalmente no Suplemento Literário de O Estado de São Paulo, 24 de outubro de 1964. Veja-se também “Miramar na mira”, estudo introdutório à reedição das Memórias Sentimentais de João Miramar, São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1964, também republicado como “Miramar na mira” in: ANDRADE, Oswald de. *Obras completas, Memória sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande*, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1972, p. XI-XLV: XXX. O texto revisto e ampliado também foi republicado em *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*, 2006, com o título “Estilística miramariana”.

20 CAMPOS, Haroldo. “Palestra de Haroldo de Campos sobre Oswald de Andrade e sua recepção”, dez. 2020, p.127-139.

21 Esses últimos ensaios foram republicados, entre outros, na coletânea CAMPOS, Haroldo. *Revisão de Oswald de Andrade: textos dispersos*, 2023.

fáustica e parodística, objeto de reflexão dialogal e oblíqua no tempo, sem esquecer, contudo, das relações que a obra do autor do *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* mantinha com as recentes teorias da informação, com as concepções ideogramáticas e com as transformações sociais.

No ensaio “Comunicação na poesia de vanguarda” (1968), Campos vai dizer que todo presente de criação propõe uma leitura sincrônica do passado de cultura. Assim, quanto mais se compreende o passado, é possível entender o presente²². Além de introduzir o conceito de poética sincrônica estético-evolutiva, cuja função tem um caráter eminentemente crítico e retificador sobre as coisas julgadas da poética histórica, a afirmação significava ainda reintegrar os escritores “desterrados” – aqueles banidos da história da literatura – e alinhá-los às transformações pelas quais passavam as vanguardas concretistas brasileiras. Alguns anos depois, de fato, nos artigos coligidos na coletânea sobre a comemoração dos *30 anos da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda*, de 1963, organizada pela Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte, o autor torna a afirmar que, embora o poeta de vanguarda jogue com as palavras, referindo-se sobretudo ao Concretismo, esse “jogo [é] extremamente sério’, porque faz do poema a expressão de um compromisso social, pois a posição do poeta perante a linguagem não pode ser concebida em abstrato, mas através de um engajamento com a “realidade nacional que se configura num determinado momento e em cuja superação está ele empenhado”²³. A exemplo de Oswald de Andrade, esse poeta de vanguarda é, nesse sentido, um mediador das políticas culturais, e a transformação da realidade nacional depende do modo de ser específico

22 CAMPOS, Haroldo de. “Comunicação na poesia de vanguarda”. *In: A arte no horizonte do provável e outros ensaios*, 1969, p. 131-154: 154. Do mesmo autor e no mesmo volume, vejam-se os capítulos: “Poética Sincrônica”, “O Samurai e o Kakemono” e “Diacronia e sincronia”.

23 *Idem*. “Reflexões após um triênio”. *In: ROSA, Eleonora Santa* (Coord. do projeto). 30 anos. *Semana Nacional de Poesia de Vanguarda 1963/93*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, 1993, p. 36-45.

da poesia como ato criador. Neste caso, somente a forma revolucionária e a novidade do material e do procedimento na arte e na poesia permitem evidenciar os contornos de um “nacionalismo-crítico”, por oposição ao “nacionalismo ingênuo”, temático e retórico. Trata-se, no dizer de Campos, de uma “Poesia que se critica e radicaliza (como linguagem) e poesia que passa dessa autocrítica, munida da extrema consciência de seu instrumento, para a crítica da sociedade”²⁴.

Não é coincidência que, a partir da segunda metade dos anos 1960, o crítico-poeta paulistano consolida a sua carreira como teórico e crítico literário com o lançamento de dois importantes estudos: *Metalinguagem* (1967), no qual apresenta ensaios sobre autores brasileiros escolhidos segundo uma perspectiva de um estruturalismo mais acadêmico, e *A arte no horizonte do provável*²⁵ (1969), uma reunião de ensaios cuja temática se pauta seja nos problemas da “provisoriidade do estético”, relacionados à produção poética de vanguarda, seja na atividade de crítica, sobretudo a partir de um ponto de vista metalinguístico (o código, linguagem-objeto) e semiótico da literatura. E não só. Campos empenha-se, ainda, em “desmarginalizar” o movimento de vanguarda de 22, interrompido pela ancoragem neoparnasiana da conservadora Geração de 45, integrando-o na historiografia literária brasileira sob um outro ponto de vista, ao retomá-lo, a partir da segunda metade da década de 1950, como fio condutor da

24 Conforme Campos, “Este nacionalismo sabe que nacional e universal são uma correlação dialética, da mesma maneira que forma-conteúdo (tendendo para o isomorfismo fundo-forma) o são”. Veja-se CAMPOS, Haroldo de. “A poesia concreta e a realidade nacional”. Revista Tendência, n.4, 1962, p. 83-94: 93. É importante lembrar que, para as suas reflexões sobre o nacionalismo, Campos se baseia nos conceitos de consciência crítica e de consciência ingênua desenvolvidos por PINTO, Álvaro Vieira. Consciência e realidade nacional. Rio de Janeiro: ISEB, 1960, 2 v.

25 Os ensaios incluídos, revistos e coordenados, especificamente, para esta coletânea foram publicados em primeira redação em diversos periódicos entre os anos 1956 e 1969. No ensaio, de 1964, que dá título à coletânea *A arte no horizonte do provável*, o interesse de Campos se concentra na relação “arbitrária” entre a obra de arte provável ou aberta (cambiáveis e permutáveis), informação estética e consumo, sublinhando que o espectador é aquele que se converte em coautor da obra.

vanguarda experimental desse período²⁶.

Em 1966, na introdução à antologia de textos oswaldianos, o poeta concretista vai desdobrar o conceito relacionado à função moderna da paródia como canto paralelo ou plagiotrópico, argumento que já abordara, com certas reservas, no texto “Miramar na mira”, de 1964, ao considerar o romance *Memórias sentimentais de João Miramar* “um marco zero” da prosa brasileira contemporânea, comparando-o, com devidas ressalvas, ao *Ulysses* de James Joyce, sobretudo ao episódio Éolo, em que se dá uma intensa exploração das técnicas jornalistas mescladas aos recursos da arte da retórica. No meticuloso roteiro labiríntico de *Miramar*, não faltam referências tanto à vocação marítima desse personagem ingênuo – certamente sem as manhas do *rusé personnage* homérico – quanto à ideia de périplo que constituem, ao contrário do *Ulysses* joyciano, um “diário de pós-viagem”²⁷, tema que será retomado pela poética haroldiana, sobretudo, em *Galáxias* – o “livro como viagem” e a “viagem como livro” – e em outros momentos da sua obra em que a viagem se torna metáfora de travessia e da busca das possíveis “origens” de uma poética brasileira. Daí, por exemplo, o personagem Ulisses e a metáfora do périplo serem, igualmente, recuperados por Campos no poema “Finismundo: a última viagem”²⁸ (1990), cuja paráfrase irônica da *húbris* do velho navegante grego, punido com o naufrágio, é projetada no cenário contemporâneo de um Brasil pós-utópico, em busca da poesia em um mundo trivializado. O poeta concretista traz para a cena do pensamento poético brasileiro os mitos do cânone ocidental, ao comutar, transcriativamente, Colombo e Cabral com o Odisseu e os gregos. Trata-se do “corte sincrônico” no qual está em jogo o valor relativo e funcional do

26 CAMPOS, Haroldo de. *Depoimentos de Oficina*. São Paulo: Dobradura Editorial, 2018, p. 19.

27 *Idem*. “Miramar na Mira”, 1972, p. XI-XLV: XXX.

28 *Idem*. “Finismundo: a última viagem”. In: *Crisantempo: No espaço curvo nasce um*. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 53-59.

que foi “revivido” e não o valor eterno, canonizado, que preside a uma História Literária Estrutural.

Como em *Galáxias*, cuja composição teve início em 1963, o poeta procura o início no fim, por isso o que conta é a “última viagem de Ulisses”, a viagem profetizada por Tirésias na Odisseia e idealmente realizada, de um lado, no *Inferno* (Dante) e, doutro lado, por Colombo, porque, como se sabe, às margens do Oceano Dante profetizara: “Não há Colunas!”, e, assim, a profecia fora ouvida pelos conquistadores da América, que não renunciaram às travessias. Haroldo de Campos reconhece e herda em/de Oswald essa forma de crítica que, na prática textual, manifesta a visada da poética sincrônica como revisão crítica de literatura e da história. Nesse contexto, as viagens se tornam uma das formas para a abolição de fronteiras e para a revisão da história, ambas reinterpretadas por Oswald em seus poemas-comprimidos na abertura de *Pau-Brasil*, numa remontagem de textos referentes às crônicas da descoberta do Brasil – de Pero Vaz Caminha, de Gandavo, de Claude d’Abbeville, de Frei Vicente do Salgado – que “se convertem em *ready made* linguístico: a frase pré-moldada do repertório colonial ou da prateleira literária”²⁹. Desse modo, a poesia se encontra com a história e a sua retórica se reveste, contemporaneamente, de valor catártico e irônico transformando a infeliz aventura da colonização (e da migração) em *epos* nacionalista.

Em *Estâncias em Canárias*, Haroldo de Campos reúne alguns poemas, escritos durante uma estadia em Tenerife. Neles, o crítico-poeta procura decifrar, sobretudo em “Grécia em canárias”³⁰, o mistério das viagens de Ulisses e reencontrar a cultura poética dos navegantes gregos, recriando o mesmo périplo, a mesma viagem iniciática onde os poetas como Hölderlin,

29 *Idem*. “Uma poética da radicalidade”. In: ANDRADE, Oswald de. Obras completas, Poesias Reunidas, v. 7. 4ª. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1974, p. 9-59: 29.

30 *Idem*. Crisantempo: No espaço curvo nasce um. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 334.

Sousândrade, Pound gravaram os seus nomes. Nessas viagens que ensaiam a deglutição da cultura global, mobilizam-se extratos da historicidade, de modo a realizar um tensionamento da temporalidade e da história, investido de uma potência reflexiva e disruptiva em direção ao presente. A potencialização do passado pela sua capacidade de reinventar o presente tem raiz na proposta oswaldiana de tradição que opera como “antitradição” e como “contravolução”, opondo-se ao cânone prestigiado. De fato, o próprio Campos reconhece que o destino ulissíaco do personagem João Miramar se “transporta” para o *Serafim Ponte Grande* no qual “o mito da ‘viagem permanente’ é também a contrapartida anárquica da *revolução permanente* [grifo meu], que se transformará em vontade positiva de engajamento no importante prefácio retrospectivo e prospectivo do *Serafim*”³¹.

Oswald, nos artigos coligidos em *Ponta de Lança*, volume que cobre suas atividades de jornalistas entre 1943/44, já havia observado que *Ulysses* era um “grande marco antinormativo” que impunha a sátira social e o término do romance burguês cujos heróis destroçados não eram mais os “mandatários da própria debilidade no país da força”³² e do direito. O viajante *Miramar* com seu estilo telegráfico, misto de diário e de jornal que espelha uma sociedade provinciana, reinterpreta, satiricamente, a burguesia endinheirada que, como apontou Antonio Candido, vivia girando pelo mundo com seus vazios e as suas convicções estéreis. Miramar, nesse sentido, é humorista *pince sans rire*, completa Candido, porque “procura kodakar a vida imperturbavelmente, por meio de uma linguagem sintética e fulgurante [...] [conseguindo] quase operar a fusão da prosa com a poesia”³³. Para além da prevalência da *Suma Satírica* da sociedade capitalista decadente, e da ironia violenta e da pilhéria irritante que incomodavam os críticos, subjaz

31 *Idem*. “Miramar na Mira”, 1972, p. XI-XLV: XXX.

32 ANDRADE, Oswald de. *Obras completas*, Ponta de Lança, v. 5. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 33-57 [artigos “O Romance” e “Posição de Caillois”].

33 CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 2ª. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 43-44.

na obra oswaldiana, conforme Sterzi, uma concepção de literatura como um “apostolado poético” que usa a negação predominante cômica para postular uma literatura “*fora da lei* vigente como efeito da tradição: fora da ‘carta poética do passado’”³⁴. A esse respeito escreve Haroldo de Campos, em *Traduzir & trovar* (1968), alegando que a tradição é uma coisa aberta e a vanguarda literária, tal como ele a compreende, “envolve uma interpretação crítica do legado da tradição, através de sua ótica integrado no presente e feito contemporâneo”³⁵.

Não é por acaso que já em 1967, enquanto Campos escrevia o ensaio “Por uma Poética Sincrônica” – um dos capítulos da *A arte no horizonte do provável* – Hans Robert Jauss proferira uma aula inaugural na Universidade de Constança, na Alemanha, posteriormente publicada com o título *Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft* (1967) (A História da Literatura como provocação à Ciência da Literatura), em que faz referência à chamada “teoria da recepção estética” e opera com conceitos tais como “horizonte de expectativas” e “fusão de horizontes”, de modo a explicar o motivo da resistência do público à recepção da obra nova. Tais conceitos serão de extrema importância para Campos, primeiro para explicar a resistência do público em assimilar e compreender a poesia concreta; segundo para indicar como a constituição da tradição é correlata ao processo de tradução que opera sobre o passado a partir da ótica do presente; terceiro, e não menos importante, para justificar a incompreensão das obras de muitos autores, como a de Oswald de Andrade, por exemplo, demonstrando a partir das palavras de Jauss que:

34 STERZI, Eduardo. “Diante da lei –da gramática –da história (Oswald de Andrade, poeta das exceções)”. Revista Luso-Brasílian Review, O Modernismo como obstáculo, v. 55, n. 2, 2018, p. 115-130: 122.

35 CAMPOS, Haroldo de. “Petrografia dantesca”. In: CAMPOS, Haroldo de; CAMPOS, Augusto de. Traduzir & trovar (poetas dos séculos XII a XVII). São Paulo: Papyrus, 1968, p. 61-67: 65.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

[...] a resistência oposta à expectativa de seu primeiro público pela obra nova pode ser tão grande, que um longo processo de recepção poderá ser necessário antes que seja assimilado o que a princípio era inesperado, inassimilável”. E exemplifica: “Foi necessário aguardar o lirismo hermético de Mallarmé e de seus discípulos para que se tornasse possível um retorno à poesia barroca, longo tempo desdenhada, e pois esquecida, bem como, notadamente, a reinterpretação filológica e a renascença de Gôngora³⁶.

Nesse recorte que privilegia os aspectos mais radicais da obra oswaldiana, pelo menos até publicação, em 1971, de “Serafim: um grande não-livro”, as reflexões de Haroldo de Campos” é menos em função da necessidade de justificar as bases teóricas das neovanguardas paulistanas, como insinuam alguns autores, do que em função de um projeto muito maior que não só inclui uma revisão historiográfica da literatura brasileira e a noção de “corte paidêumico”, articulada ao “corte sincrônico”, repensada segundo a “História Estrutural da Literatura” e proposta por Roman Jakobson em *Linguistics and Poetics*, mas também aponta, segundo o próprio autor, para “um modo de *escritura*’ [grifo meu] novo, unitário, global, onde as distinções de gêneros [literários], radicalmente abandonadas, deixam lugar à que se deve chamar ‘livros’ – mas livros para os quais, é preciso dizer, nenhum método de leitura está ainda praticamente definido”³⁷. E é a partir dessa sorte de ‘indefinição’ à luz do novo aparato teórico e semiótico que Campos se propõe a “definir” e reler essa constelação de obras “renegadas”, que quebram a “automatização” da percepção humana, a “*Ostraniénie*”, diria a crítica formalista russa, também conhecida como “desnudamento do processo” ou “efeito de estranhamento”, conceitos tão propalados pelos teóricos da literatura e estudiosos das vanguardas europeias.

36 *Idem.* “Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora”. *In:* Transcrição. Organização Marcelo Tápia, Thelma Médice Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 77-104: 83.

37 *Idem.* “Serafim: um grande não-livro”. *In:* ANDRADE, Oswald de. Obras completas, Memória sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 99-127: 101.

Com efeito, é pouco produtivo pensar que as releituras haroldianas girem somente em torno das vanguardas concretistas e deixar de considerar a renovação da crítica e dos estudos permeados pelas novas tendências teóricas e estéticas e pelos movimentos poéticos e artísticos que pululavam pelo mundo e resultavam das reflexões aportadas pelo Formalismo Russo³⁸, pelo Estruturalismo e, mais adiante, pelo *New historicismo*, que trouxeram para o centro das investigações literárias a linguagem como um sistema de signos, uma construção coletiva. Campos tomou emprestado do vocabulário pós-estruturalista os termos “negociação” e “relação” que, presentes no interior das construções coletivas, passaram a regular as relações culturais, econômicas, políticas, simbólicas e outras. A reconstrução desse objeto histórico e cultural concretiza-se, portanto, no momento em que a obra se torna parte do jogo de negociação e de circulação. Assim, o específico literário, além de se revelar, permitindo ao estudioso compreender uma determinada cultura ou um dado período histórico, demonstra como a arte e historiografia podem responder aos problemas que fazem parte de um inteiro sistema de significados.

O resultado disso é menos a interpretação da obra em si do que o papel que ela desenvolve no interior de um campo de força do qual, de fato, participa ativamente, enquanto fruto de negociação que tornou possível a circulação

38 Vale a pena transcrever aqui as reflexões de Campos acerca da exigência do engajamento da crítica e da atualização dos estudos teóricos no Brasil daqueles anos: “Para o artista de vanguarda, algo de mais sistemático e de mais cabal se esboça no quadro de relações que (rápida e esquematicamente) traçamos, lembrando, em certa medida, uma retomada da orientação pioneira do formalismo russo, de engajamento do esteta e do crítico no vivo da experiência literária, no fazer em progresso, na própria evolução de forma que redimensiona e qualifica o mundo da criação. Longe a constatação pessimista de Sartre: ‘Nossos críticos são cátaros: nada querem ter em comum com o mundo real, senão comer e beber, e uma vez que é absolutamente necessário viver no comércio de nossos semelhantes, eles, então, escolheram o dos defuntos’. E não apenas nos baluartes isolados e, por isso mesmo, mais restritos dos estudos de obras singulares e individuais, mas, com amplitude, na própria exigência de uma renovação da metodologia e do instrumental, dos princípios e das técnicas que possibilitem, por seu turno, a conversão da reflexão estética na fase crítica de apreciação de arte”. CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*, 2006, p. 21.

da energia social e de seu significado. Por isso, a revisão da obra oswaldiana empreendida por Haroldo de Campos, embora se insira no “quadro do seu tempo”, naqueles anos da semana de 22 em que o Brasil intelectual era ainda um país trabalhado pelos “mitos do bem dizer”³⁹, põe em circulação a “radicalidade” de uma poesia que, como diz o próprio Campos, afeta na raiz aquela consciência prática e real específica não só da linguagem literária, mas a energia social e cultural transformadora. Campos vai mostrar que a poesia de Oswald constitui um trabalho de postura crítica, “de tomada de consciência e de objetivação da consciência via e na linguagem”⁴⁰ e, por isso, o “documento” oswaldiano produzia aquela “dose de ridículo” e os contrastes assinalados pela crítica marioandrada, a partir dos quais o poeta concretista vai colher o aspecto principal da radicalidade da poesia do autor de *Pau-Brasil* que, embora vindo da Europa, se “paubrasiliza”, não sem passar pelos trâmites da burocracia do soneto e pela rasura da subjetividade, que vai da objetivação do lirismo ao traçado da evolução das artes sob o signo da era industrial. Nesse período, Oswald já tinha consciência de que a ‘aura’ do objeto único tinha entrado em processo de falência e, por isso, como diz Campos, vai “direto ao miolo do problema”, percebendo, em todo mundo, uma sorte de democratização estética em função do reconhecimento do trabalho ciclópico da geração futurista em acertar o relógio do “Império da literatura nacional”, sem querer, todavia, ser nacional.

O percurso da obra oswaldiana envolve, portanto, alguns pontos espinhosos, mas fundamentais para o estudo de Haroldo de Campos, entre eles: a noção de “estrutura aberta” da linguagem, a defesa da intervenção

39 CAMPOS, Haroldo de. “Uma poética da radicalidade”, 1974, p. 9-59: 10. Campos observa que “a linguagem literária funcionava, nesse contexto, como um jargão de casta, um diploma de nobiliarquia intelectual: entre a linguagem escrita com pruridos de escorreição pelos convivas do festim literário e a linguagem desleixadamente falada pelo povo (mormente em São Paulo, para onde acudiam as correntes migratórias com as suas deformações orais peculiares), rasgava-se um abismo aparentemente intransponível”.

40 *Ibidem*, p. 9-59: 20.

crítica do presente sobre o passado (e vice-versa), a discussão do nacional na literatura, o lúdico e a sátira em contraposição à civilização industrial, a valorização das releituras do legado da tradição como processo polifônico e a democratização e circulação da obra. Elementos que, segundo a perspectiva de Campos, compõem a “poética da radicalidade”, a base, segundo o próprio Oswald, para o extermínio dos grandes males da raça, qual seja, “o mal da eloquência balofa roçagante”, metáfora que anuncia as mudanças radicais na linguagem poética já adotadas no romance-invenção *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924).

Embora de forma superficial, este romance introduz, naquele horizonte do precário, o movimento pendular de “destruição/construção”, redimensionado no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924), cujo programa utópico se situa na “convergência de dois focos”; de um lado, propõe a dessacralização completa da poesia através do despojamento da ‘aura’ de objeto único, que circundava a concepção poética tradicional⁴¹, provocando no meio literário o choque alienador com a composição dos “poemas comprimidos” (ou das saladas de palavras), baseada na técnica de montagem de peças soltas ou coordenadas e na paródia. E, assim fazendo, Oswald omitia sarcasticamente as ligações lógicas do discurso e associava, doutro lado, a experiência estética tanto à exaltação futurista da vida moderna, quanto ao primitivismo psicológico que coincidia com a volta ao sentido puro e à inocência construtiva da arte de “ver com os olhos livres”, expressão que, nas palavras provocantes de Eduardo Viveiros de Castro, significa “não um ver-se no outro, mas ver o outro em si”⁴², porque, como se percebe também no *Manifesto Antropófago*, trata-se de comer o inimigo não como forma de “assimilá-lo” ou de “negá-lo”, tampouco transformar-se nele como em um

41 *Ibidem*, p. 9-59: 23.

42 CASTRO, Eduardo Viveiros de. “Que temos nós com isso?” *In*: AZEVEDO, Beatriz. Antropofagia: palimpsesto selvagem. São Paulo: Cosac Naify, 2016, p. 11-20: 16.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

outro, mas, por meio dele, transformar-se em um eu Outro, autotransfigurar-se com a ajuda do “contrário”⁴³, valorizando poeticamente a cultura brasileira pelo seu interior em detrimento do idealismo douto e da interdição das elites intelectuais, pedra de toque da crítica andradiana e haroldiana. Como bem notou Benedito Nunes, trata-se de uma sorte de educação da sensibilidade que ensina o artista “a *ver com olhos* livres os fatos que circunscrevem sua realidade cultural”⁴⁴, de resto, sem nenhuma fórmula preestabelecida, mas num “misto de ‘dorme nenê que o bicho vem pegá’ e de equações”⁴⁵. Daí nasce a teoria crítica da cultura brasileira que evidenciou a oposição entre o seu arcabouço intelectual de origem europeia, integrante da superestrutura da sociedade e refletida no idealismo doutoresco de sua camada ilustrada. Por isso, quando Campos formula que a radicalidade da poesia de Oswald afeta na raiz aquela consciência prática e real específica, o que está em jogo é a relação intrínseca entre a consciência da nossa mentalidade nacional e industrial com a linguagem, que é um produto do social e um imperativo do comércio com outros homens, em outras palavras, “um produto do homem como um ser em relação”⁴⁶.

3. A dialética “marxilar” de Oswald de Andrade

Nesta esteira, chamo a atenção para a ideia do “ser em relação” (e de relações assimétricas) como um dos principais eixos das reflexões haroldianas para o entendimento da antropofagia enquanto definição metafórica da apropriação da alteridade, e não só. O “ser+ em relação”, assim exposto por

43 *Ibidem*, p. 11-20: 16-17.

44 NUNES, Benedito. “Antropofagia ao alcance de todos”. *In*: ANDRADE, Oswald de. *Obras Completas, Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias: Manifestos, tese de concursos e ensaios*, v. 6. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. XIII-LIII: XX.

45 ANDRADE, Oswald de. “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. *In*: *Obras Completas, Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias: Manifestos, tese de concursos e ensaios*, v. 6. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 3-10: 9.

46 CAMPOS, Haroldo de. “Uma poética da radicalidade”, 1974, p. 9-64: 10.

Campos, implica uma forma de perspectivismo que, tal qual a antropofagia, é um conceito atinente à mesma família política e poética de combate contra a sujeição cultural da América Latina – polo sociocultural e econômico menos favorecido que suporta “a identidade *an-europeia* de muitas Europas singulares, que nela habitam”⁴⁷ –, sem reduzir, contudo, como sublinhou João Castro Rocha⁴⁸, a dinâmica da alteridade, da qual se nutre a antropofágica oswaldiana, à definição de uma única nacionalidade ou à determinação da identidade nacional. Tal afirmação permite acompanhar criticamente o modo como Haroldo de Campos desenvolve todo um pensamento sobre o Modernismo através da leitura, em particular, da obra de Oswald, tanto para marcar as especificidades acerca das propostas concretistas, quanto para submeter a tradição nacional e a crítica historicista dominante às novas interpretações pautadas, inclusive, na atualização da ideia de antropofagia, o que propiciou, por exemplo, o resgate do barroco para o experimentalismo dos anos 1950 e 1960.

A famosa sentença oswaldiana de que “Nada existe fora da devoração” ganha, na leitura antropofágica de Campos, acerca da formação literária nacional, feições provocativas e irônicas, pondo em tensão distintas temporalidades, distintos modos de representação sociocultural. Reverberam, segundo esses moldes, os anacronismos e potencializam-se as multifacetadas relações culturais que se colocam para além do nacionalismo, dos modernismos e da própria ideia de brasilidade, o que, de resto, autoriza Haroldo de Campos a incluir, em seu *Paideuma*, Oswald de Andrade ao lado de Stéphane Mallarmé, Ezra Pound, Sousândrade, Guimarães Rosa, Clarice

47 ANTELO, Raul. “Outro de si próprio” [entrevista por Ricardo Machado]. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, Ontologias Anarquistas: um pensamento para além do cânone, ano XIX, n. 543, 21 out. 2019, p. 19-22: 20.

48 ROCHA, João César de Castro. “Uma teoria da Exportação? Ou: ‘Antropofagia como visão do mundo’”. In: ROCHA, João César de Castro; RUFFINELLI, Jorge (Org.). Antropofagia hoje: Oswald de Andrade em cena. São Paulo: Realizações Editora, 2011, p. 664-666.

Lispector. Assim, ao afirmar que a Antropofagia oswaldiana constitui uma visão crítica da história como função negativa (no sentido nietzschiano), capaz tanto de apropriação como de expropriação, desierarquização, desconstrução, porque todo passado que nos é “outro” merece ser negado, “merece ser comido, devorado”⁴⁹, Haroldo de Campos estabelece uma continuidade fundamental entre o seu esforço crítico-ensaístico de propor novos passados-presentes e o gesto oswaldiano de reler o passado de um modo disruptivo, ou sincrônico, i.e., com os olhos fincados no presente, condicionado por um processo (e mentalidade) industrial que viria acarretar profundas repercussões estruturais. É através do próprio horizonte da utopia, entendida como “crítica do presente”, que Oswald oferece não só uma síntese, mas uma imagem desafiadora de certas identidades do precário mundo moderno para qual a arte se despe dos nobres e exclusivos implementos do eterno para incorporar a categoria do contingente.

Segundo o crítico e poeta paulista, emerge da radicalidade da revolução oswaldiana, já presentificada na poesia *Pau-Brasil*, toda uma linha de poética substantiva e subversiva, e que põe cena o conflito estrutural e o problema da linguagem, porém uma linguagem de poesia contida, reduzida ao essencial do processo de signos. Esse tipo de linguagem, que toma “as coisas pela raiz” – dizia Marx –, atravessa a poesia de Drummond na década de 1930, enforma a engenharia poética de João Cabral de Melo Neto, projeta-se na poesia concreta, como “antitradição”, e se infiltra pelos desvãos da “historiografia tradicional”. Todavia, aqui se percebe com mais agudeza o apelo de Campos ao *modus operandi* disruptivo ou sincrônico de Oswald de Andrade, quando observa que não se trata de uma antitradição por “derivação direta”, isto seria, segundo a sua visão, “substituir uma linearidade por outra”, mas, antes de tudo, do “reconhecimento de certos desenhos e percursos

⁴⁹ CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*, 2006, p. 26.

marginais, ao longo do roteiro preferencial da historiografia normativa”⁵⁰, em outras palavras, trata-se da emergência de uma poética resultante de uma *razão antropofágica*, contemporaneamente maleável e porosa, a partir da qual inclusive o barroco (latino-americano) e as formas antropofágicas são repensados, relidos, como elementos que se correlacionam de maneira originária para a revisão da cultura e da tradição literária, segundo um viés descentralizador e desconstrutor do logocentrismo ocidental.

A metáfora sugerida para essa desconstrução vem de Décio Pignatari, que define a poesia de Oswald de Andrade enquanto “poesia da posse contra a propriedade”⁵¹, uma poesia sem Lei, que aparece na abertura do *Manifesto Antropófago*, no qual a antropofagia é apresentada, galhofamente, como a única lei do mundo. De fato, essa disposição inaugural veiculada pela ideia de posse contra a propriedade faz circular o tal moinho do banquete antropofágico oswaldiano e constitui um dos problemas centrais que se inserem entre o coloquial/colonial e a voragem, reduzido no único preceito, segundo Oswald, “só me interessa o que não é meu”. Alexandre Nodari interpreta esta afirmação como uma “sanção legal do ilegal” ou ainda enquanto uma lei que, assim reduzida, “parece desativar a Lei”⁵², instigando, conforme Campos, a revisão das imposturas estratificadas condicionada por uma “linguagem onde o bem falar e o bem escrever representavam senhas para o acesso social e para a partilha das benesses da classe dominante”⁵³. Comentando o texto de Nodari, Eduardo Sterzi lembra que, na primeira

50 *Idem*. *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*, 2006, p. 243.

51 Expressão de PIGNATARI, Décio. “Marco Zero de Andrade”. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, 24 out. 1964.

52 NODARI, Alexandre. “A única lei do mundo”. *In*: ROCHA, João César de Castro; RUFFINELLI, Jorge (Org.) *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 455-483: 445. Campos lembra que no ano jubilar do Pau-Brasil, Oswald de Andrade admitia em discurso que no fundo de um autêntico revolucionário está sempre um legalista. O discurso foi publicado no Suplemento “Literatura e Arte”, *Jornal de São Paulo*. 26 mar. 1950.

53 CAMPOS, Haroldo de. “Uma poética da radicalidade”, 1974, p. 9-64: 33.

parte de *Pau-Brasil*, Oswald de Andrade se apropria, por exemplo, da *Carta de achamento* para construir seus poemas *ready-made* e, ao fazê-lo, acentua o caráter ficcional do texto de partida, “produzindo uma imagem da terra que trabalhasse pela sua posse e ocupação”⁵⁴. Assim, ao apropriar-se desses primeiros documentos sobre a descoberta do Brasil, o poeta antropófago cria “contradocumentos” que nascem de uma contraleitura e “vão na direção contrária da conquista”⁵⁵.

Esta ideia encontra correspondências em diversos textos de Haroldo de Campos, entre eles, em “Lezama: o Barroco da contraconquista”, no qual o tema da identidade – o que significa ser americano – é repensado não sob as bases de cariz ontológico, revestidas de aspectos substancialistas e metafísicos que objetivam identificar “*o espírito, caráter, alma ou eidos nacional*”, mas a partir da diferença em “*morfose transepocal*”, que não espera o atestado cívico da emancipação política para insurgir⁵⁶. Campos insiste em mostrar que na arte da “contraconquista” se dá o convívio de ‘formas germinativas’ extravasadas de outras culturas e etnias no “cadinho americano”⁵⁷, evidenciando, assim, o modo de apropriação que se abre àquela mesma alteridade negada no ato da assimilação.

Por meio de uma crítica sincronizada, o poeta concretista realiza, assim, uma aproximação por afinidade textual entre a produção poética de Lezama Lima e aquela de Oswald de Andrade, e encontra na poética antropofágica a base de apoio para a sua concepção antilinear e dialógica da História e da literatura, demonstrando, nessa perspectiva, que o autor de *Pau-Brasil* traz para a cena político-cultural e literária brasileira a ideia de um nacional

54 STERZI, Eduardo. “Diante da lei – da gramática – da história (Oswald de Andrade, poeta das exceções)”. *Luso-Brazilian Review*, 2018, p. 115-130: 120.

55 *Ibidem*, p. 115-130: 120.

56 CAMPOS, Haroldo de. “Lezama: o Barroco da contraconquista”. *In: O segundo arco-íris branco*. São Paulo: Iluminuras, 2010, p. 57-62.

57 *Ibidem*, p. 57-62: 59.

por plenitude, e não “por subtração”, regida por um processo histórico em construção e em relacionamento dialógico e dialético com o universal. Assim argumenta Campos:

[...] só Oswald de Andrade, com sua antropofagia cultural, com sua visão do barroco enquanto “estilo utópico das descobertas”, por oposição ao “egocentrismo ptolomaico” europeu, oferece (e por antecipação!) em nossas letras uma contrapartida à concepção do “Eros Relacional e Cognoscente”, o *dáimon* das “eras imaginárias” lezamescas⁵⁸.

Os poemas de abertura do *Pau-Brasil* são lidos pelo poeta e crítico paulistano enquanto “pulsão fáustica pela descoberta” de produzir “letras maiores que torres” e, ao se inserir no seio da civilização técnico-industrial do mundo moderno, fazem emergir os paradoxos da vida social e cultural brasileira (quando se passa, por exemplo, do naturalismo à Kodak excursionista), recobertos e recalcados pelas camadas idealizadoras e ideológicas. Paradoxos resumidos por Oswald de Andrade nos fragmentos: “Bárbaros, pitorescos e crédulos. Pau-Brasil. A floresta e a escola. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil”⁵⁹. Após essa fragmentação da linguagem, imposta por pontos de vista múltiplos e em resposta à indústria e à cultura de massa, dá-se, de resto, no interior dessa poética subversiva, a articulação dos fragmentos por uma nova sintaxe, mas de “*inocência construtiva*”⁶⁰. É o poeta do *Pau-Brasil* que se alinha a Mallarmé e não a Rousseau e articula, numa dimensão periférica e descentralizada, a cultura sobrevivente à experiência colonial, realizando assim a sua redenção digestiva. E é nessa perspectiva que o estado de graça da poesia é substituído pelo estado da inocência (utópico), por um indianismo às avessas, i.e., por uma disposição fenomenológica inaugural que nada tem a ver com “os índios conformados e bonzinhos de cartão-postal

58 *Ibidem.* p. 60.

59 ANDRADE, Oswald de. “Por ocasião da descoberta do Brasil”. In: *Obras Completas, Poesias reunidas*, v. 7. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 73-77: 77.

60 CAMPOS, Haroldo de. “Uma poética da radicalidade”, 1974, p. 9-64: 27.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

e de lata de bolacha [...] saídos de Rousseau”⁶¹, e tampouco corresponde ao neoindianismo ornamental e posição do grupo “Anta”.

É bom lembrar, abrindo aqui um parêntese, que nas décadas de 1950 e 1960 o que interessa de imediato à crítica haroldiana é, de um lado, o “engajamento de uma vanguarda construtiva e projetada” que se começa a construir com a nova linguagem; e, de outro, a necessidade de repropor à tradição literária brasileira os ideais “Pau Brasil” e “antropofágicos” que permitiam tanto uma releitura da história em função do presente, quanto a construção de uma identidade nacional que não tivesse compromisso com a subtração, mas, sim, com a mistura e/ou incorporação do outro. O ensaio “A poesia concreta e a realidade Nacional”, de 1962, traz, de certo modo, uma atualização da antropofagia oswaldiana por meio das ideias sociológicas de Guerreiro Ramos. Diante da Guerra Fria e do processo de industrialização nacional, Campos reconhece a necessidade da retomada da criação de uma poesia de exportação, proposta por Andrade, a partir de “uma nova visada redutora, por um novo rasgo antropofágico [por uma] Redução estética [...] ‘uma consciência crítica’”⁶². Contudo, após este artigo publicado na *Revista Tendência*, as referências à antropofagia nos textos críticos seguintes aparecem quase sempre como citação marginal ou comentário de caráter expositivo.

Já nos anos 1970, quando a revisão do “pai antropófago” parecia concluída com a publicação das introduções às reedições oswaldianas (da prosa e da poesia) e da peça teatral *O Rei da Vela*, seguida de uma abordagem estrutural e semiológica pós-Saussure, emerge, nos anos 1980, um novo *corpus* revisionista que se revela, em sentido mais teórico, o estopim para o

61 ANDRADE, Oswald de. “Marcha das utopias”. In: *Obras Completas, Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*, v. 6. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 145-228: 226.

62 CAMPOS, Haroldo de. “A poesia concreta e a realidade nacional”. *Revista Tendência*, 1962, p. 83-94: 85.

pensamento crítico-poético de Campos, denominado por ele mesmo de “pós-utópico”, e, além de abraçar o barroco, se abre com as reflexões desenvolvidas no artigo “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira”⁶³, de 1981. Neste, Haroldo retoma o tema do pai antropófago que para os estudos literários parecia esgotado, senão desgastado pelo uso recorrente da imagem do “des-caráter” de um ser camaleônico, excêntrico e marginal que insistia em abalar as estruturas do cânone, e repropõe uma leitura sincrônica da vanguarda, do subdesenvolvimento brasileiro e, mais uma vez, da obra de Oswald de Andrade, sublinhando o modo como ele enfrentou o legado civilizacional europeu através de uma dialética marxilar (Marx + maxilar) que já naquela época apontava para a ressintetização química através de um impetuoso metabolismo da diferença⁶⁴.

Conforme Raul Antelo, a razão antropofágica, enquanto reação à crítica dominante, implantou um fator “corrosivo”⁶⁵ à concepção do modernismo esteticamente aceita e sedimentada pela crítica nacional. De fato, ao ler os modernistas brasileiros Haroldo insiste em defini-los segundo a atitude crítica do criador responsável perante o devir de sua arte, e não admite falar em influências (de poetas estrangeiros), mas de confluências e pontos de encontro, sem prejuízo da autonomia das opções individuais, que permitem engendrar no passado um presente e desgarrar deste um futuro⁶⁶,

63 Com o título “Das razões antropofágicas: a Europa sob o signo da devoração”, o ensaio foi publicado primeiramente na revista *Colóquio/Letras*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, n. 62, jul. 1981, p. 10-25, [mas datado de 1980], depois republicado com o título “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira” *in*: CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*, 2006, p. 231-255. Ao propor a retomada da antropofagia de Oswald de Andrade, o autor reconhece-a como possibilidade de pensar a literatura brasileira a partir de uma devoração crítica do patrimônio cultural produzido para além das fronteiras da Nação e pelo diálogo.

64 *Idem*. “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira”, 2006, p. 231-255: 250.

65 ANTELO, Raul. “A Aristocracia do Bombástico”. *In*: MOTTA, Leda Tenório da (Org.). *Céu acima: para um ‘tombeau’ de Haroldo de Campos*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2005, p. 149-168: 150.

66 CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*,

mas um futuro incerto. Outra vez, Raul Antelo, no estudo “Modernismo, repurificação e lembrança do presente” (2004), adverte que toda vez que o futuro parece “ocluído e distante” há um interesse sentimental, estético e comercial por objetos pertencentes ao passado, uma sensibilidade antiquária no confronto com o *aqui e agora*, que constitui um sintoma desdobrado do presente enquanto lembrança. Por isso, para o modernismo, a dimensão oblíqua do presente significa pôr-se enquanto primitivo e recuperar o arcaico como impureza dinâmica a partir da qual se repurifica o presente⁶⁷. Mas não seria esse *modus operandi* a força e a potência do revisionismo haroldiano?

Consultando o acervo Haroldo de Campos, na Casa das Rosas, em São Paulo, é possível constatar as anotações de leitura que Campos efetuou às margens das páginas dos exemplares sobre a crítica e a história literária. Algumas dessas observações, particularmente em *Formação da literatura brasileira*⁶⁸, de Antonio Candido, constituem atos de apropriação e antitexto ou contratexto principal para a preparação de seu livro *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*, de 1989. Nelas, percebe-se como Campos lê a produção literária brasileira e a sua respectiva crítica e, no caso dos estudos acerca da formação da literatura brasileira, ao reconstruir o esquema antropológico de Antônio Candido, de raiz kantiana, o poeta concretista promove um curto-circuito do projeto historiográfico do autor de *Formação*, apoiando-se, entre outros, nas ideias de Jauss e Jakobson, o que lhe permitiu enxergar o que havia ficado às margens dessa tradição, i.e., “as disrupções, as infrações, as margens, o ‘monstruoso’”⁶⁹.

2006, p. 51.

67 ANTELO, Raul. “Modernismo, repurificação e lembrança do presente”. *Literatura e Sociedade*, v. 9, n. 7, 2004, p. 146-165: 164.

68 Veja-se CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)* (1^o. v. 1750-1836). 6^a. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

69 CAMPOS, Haroldo de. “Das razões antropofágicas: a Europa sob o signo da devoração”, 2006, p. 231-255: 236.

Assim, ao contrário de A. Candido, Campos propõe, com esse estudo, a construção de uma história literária por saltos, não-linear, através de uma visão labiríntica da história, uma espécie de intervenção revisora “dos restos” constituída dos estudos literários sincrônicos e levando em consideração não apenas a produção de um determinado período, mas parte da tradição literária que permaneceu válida, já que não se deve, segundo ele, excluir a exceção e assimilar o dessemelhante em favor da constituição do cânone imutável de obras, mas, deve-se, ao contrário, “manter a diferença das obras enquanto diferença” e, assim, ‘pôr em relevo a descontinuidade da literatura em relação à história da sociedade’⁷⁰. Oswald de Andrade constitui, assim, a figura central e necessária para subscrever não só essa diferença e a tão propalada ideia haroldiana da “antitradição” ou “tradição antinormativa” que vê a historiografia enquanto um “gráfico sísmico da fragmentação eversiva” em vez de uma simples “homologação tautológica do homogêneo”⁷¹.

4. À guisa de conclusão

Mais do que resgatar autores do passado por meio de cortes sincrônicos, Haroldo de Campos questiona os próprios alicerces que constroem a historiografia literária, relendo às bordas da própria literatura o produto das ações antropofágicas oswaldianas e a sua radicalidade, e o faz das margens para dentro, nos interstícios da história. Nas suas últimas releituras e reflexões sobre Oswald de Andrade, bem como sobre a historiografia literária brasileira, o poeta concretista substitui, desta vez, conceitos relativos ao Modernismo como Futurismo, Dadaísmos, Surrealismo, humor, paródia, por vocábulos referentes aos estudos de Hans Robert

70 CAMPOS, Haroldo de. O sequestro do barroco na Formação da Literatura Brasileira: o caso Gregório de Matos. Salvador: Fundação Jorge Amado e Fundação Banco do Brasil, 1989, p. 61.

71 *Idem.* “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira, 2006, p. 231-255: 237-245.

Jauss, Jacques Derrida, Walter Benjamin, ao dialogismo de Michail Bakhtin, entre outros. Daí os seus textos dos anos 1980 e 1990 serem atravessados por palavras como “transculturação”, “transcrição”, “desconstrução”, “transbarroco”, “barrocolúdico”, “transvaloração”, “desierarquização”, “pós-utopia”, sympoética, uma forma de evidenciar a matriz barroca da cultura pós-moderna. Seu olhar sobre o Movimento modernista se alarga, cambia gestos e critérios de análise. Há nessa reconexão, que visa à expansão dos horizontes interpretativos da antropofagia e da própria obra de Oswald de Andrade, um interesse em difundir a ideia de uma literatura universal (transbarroca e sympoética) resultante de um sistema de trocas entre várias literaturas nacionais e internacionais, i.e., um ponto de cruzamento de discursos e diálogos necessários para qual, nesse momento, funciona uma linguagem produzida por um sujeito em relação ao outro e resultado de uma dialética. Por meio da “razão antropofágica”, Campos desenha, igualmente, um giro interpretativo e uma nova lente através da qual se observa a tradição nacional, repondo a ideia acerca do nacionalismo modal, diferencial, inspirado também nas teorias de Derrida. De fato, para Campos, a verve antropofágica desdobra-se no conceito de contracultura e de releitura como transcrição, que não é outra coisa senão aquele canto paralelo ou plagiotrópico que ele mesmo reconhece na poética de Oswald de Andrade, i.e., uma sorte de movimento de ramificação por obliquidade, um arco-íris branco que convida às releituras polifônicas.

Referências

ANDRADE, Oswald de. “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. In: *Obras Completas, Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias: Manifestos, tese de concursos e ensaios*, v. 6. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 3-10.

ANDRADE, Oswald de. “Marcha das utopias”. In: *Obras Completas, Do Pau-Brasil*

à *Antropofagia e às Utopias*, v. 6. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 145-228.

ANDRADE, Oswald de. *Obras completas, Ponta de Lança*, v. 5. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 33-57.

ANDRADE, Oswald de. *Obras completas, Memória sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande*, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

ANDRADE, Oswald de. “Por ocasião da descoberta do Brasil”. In: *Obras Completas, Poesias reunidas*, v. 7. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 73-77.

ANTELO, Raul. “A Aristocracia do Bombástico”. In: MOTTA, Leda Tenório da (Org.). *Céu acima: para um ‘tombeau’ de Haroldo de Campos*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2005, p. 149-167.

ANTELO, Raul. “Modernismo, repurificação e lembrança do presente”. *Literatura e Sociedade*. v. 9, n. 7, p. 146-165, 2004.

ANTELO, Raul. “Outro de si próprio” [entrevista por Ricardo Machado]. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, Ontologias Anarquistas: um pensamento para além do cânone. ano XIX, n. 543, p. 19-22, 21 out. 2019.

CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

CAMPOS, Haroldo de. “A poesia concreta e a realidade nacional”. *Revista Tendência*. n.4, p. 83-94, 1962.

CAMPOS, Haroldo de. “Comunicação na poesia de vanguarda”. In: *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 1969, p. 131-154.

CAMPOS, Haroldo de. “Miramar na mira”. In: ANDRADE, Oswald de. *Obras completas, Memória sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande*, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1972, p. XI-XLV.

CAMPOS, Haroldo de. “Oswald de Andrade”. Suplemento Dominical *Jornal do Brasil*. 1 set. 1957. Disponível também em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=%22haroldo%20de%20campos%22&pagfis=78146. Acesso em: 10 outubro 2022.

CAMPOS, Haroldo de. “Petrografia dantesca”. In: CAMPOS, Haroldo de; CAMPOS, Augusto de. *Traduzir É trovar* (poetas dos séculos XII a XVII). São Paulo: Papyrus, 1968, p. 61-67.

CAMPOS, Haroldo de. “Serafim: um grande não-livro”. In: ANDRADE, Oswald de. *Obras completas, Memória sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande*, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 99-127.

CAMPOS, Haroldo de. “Uma poética da radicalidade”. In: ANDRADE, Oswald de. *Obras completas, Poesias Reunidas*, v. 7. 4ª. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1974, p. 9-59.

CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do barroco na Formação da Literatura Brasileira: o caso Gregório de Matos*. Salvador: Fundação Jorge Amado e Fundação Banco do Brasil, 1989.

CAMPOS, Haroldo de. “Reflexões após um triênio”. In: ROSA, Eleonora Santa (Coord. do projeto). *30 anos. Semana Nacional de Poesia de Vanguarda 1963/93*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, 1993, p. 36-45.

CAMPOS, Haroldo de. *Crisantempo: No espaço curvo nasce um*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CAMPOS, Haroldo de. “Finismundo: a última viagem”. In: *Crisantempo: No espaço curvo nasce um*. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 53-59.

CAMPOS, Haroldo de. “A evolução da crítica oswaldiana”. *Literatura e Sociedade*. v. 9, n. 7, p. 46-55, 2004.

CAMPOS, Haroldo de *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. 2ª. reimpr. da 4ª. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CAMPOS, Haroldo de. “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira”. In: *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. 2ª. reimpr. da 4ª. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 231-255.

CAMPOS, Haroldo de. “Estilística miramariana”. In: *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*, 2006, p. 97-108.

CAMPOS, Haroldo de. “Lezama: o Barroco da contraconquista”. In: *O segundo arco-íris branco*. São Paulo: Iluminuras, 2010, p. 57-62.

CAMPOS, Haroldo de. “Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora”. In: *Transcrição*. Organização Marcelo Tápia, Thelma Médice Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 77-104.

CAMPOS, Haroldo de. *Depoimentos de Oficina*. São Paulo: Dobradura Editorial, 2018.

CAMPOS, Haroldo. “Palestra de Haroldo de Campos sobre Oswald de Andrade e sua recepção” (Gravação e transcrição de Jardel Dias Cavalcanti, revisão Ronald Polito). *Revista Circuladô*. ed. 11, p.127-139, dez. 2020.

CAMPOS, Haroldo de. *Revisão de Oswald de Andrade: textos dispersos*. Organização de Thiago de Melo Barbosa, trad. de Fábio Roberto Lucas e Daniel Glaydson Ribeiro. São Paulo: Editora Madamu de Casa das Rosas Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, 2023.

CAMPOS, Augusto. “Troca de mensagens com Augusto de Campos a respeito da autoria de ‘Oswald: somos concretistas’” [e-mail de Augusto de Campos a Júlio Mendonça]. *In: Revisão de Oswald de Andrade: textos dispersos*. Organização de Thiago de Melo Barbosa, trad. de Fábio Roberto Lucas e Daniel Glaydson Ribeiro. São Paulo: Editora Madamu de Casa das Rosas Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, 2023, p. 199-203.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 2ª. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)* (1º. v. 1750-1836). 6ª. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. “Que temos nós com isso?”. *In: AZEVEDO, Beatriz. Antropofagia: palimpsesto selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2016, p. 11-20.

HARDMAN, Francisco Foot. *A ideologia paulista e os eternos modernistas*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

LIMA, Luiz Costa. “Haroldo, o multiplicador”. *In: Céu acima: para um ‘tombeau’ de Haroldo de Campos*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2005, p. 119-130.

MARTHA-TONETO, Diana Junkes Bueno. *As razões da máquina antropofágica: poesia e sincronia em Haroldo de Campos*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

NODARI, Alexandre. “A única lei do mundo”. *In: ROCHA, João César de Castro; RUFFINELLI, Jorge (Org.) Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 455-483.

NUNES, Benedito. “Antropofagia ao alcance de todos”. *In: ANDRADE, Oswald de. Obras Completas, Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias: Manifestos, tese de concursos e ensaios*, v. 6. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. XIII-LIII.

PIGNATARI, Décio. “Marco Zero de Andrade”. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, 24 out. 1964.

PINTO, Álvaro Vieira. *Consciência e realidade nacional*. Rio de Janeiro: ISEB, 1960, 2 v.

ROCHA, João César de Castro. “Uma teoria da Exportação? Ou: ‘Antropofagia como visão do mundo’”. In: ROCHA, João César de Castro; RUFFINELLI, Jorge (Org.). *Antropofagia hoje: Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: Realizações Editora, 2011, p. 664-666.

STERZI, Eduardo. “Diante da lei –da gramática –da história (Oswald de Andrade, poeta das exceções)”. *Revista Luso-Brasílian Review, O Modernismo como obstáculo*. v. 55, n. 2, p. 115-130, 2018.

Submissão: 23/06/2023

Aceite: 23/07/2023

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2023.e97791>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*